

A influência moral dos médiuns

Autor: José Queid Tufaile Huaixan

Versão: 05.97

“*Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que faz para dominar suas más inclinações*”, afirmou Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, elegendo a reforma moral como a bandeira dos seus seguidores. Isso fez com que a Doutrina Espírita se convertesse numa verdadeira oficina de aperfeiçoamento moral dos seres humanos.

A prática da mediunidade tem sido grandemente prejudicada pela pouca importância dada ao fator moral, muitas vezes deixado em segundo plano por médiuns e dirigentes espíritas. O estudo que vamos desenvolver neste tema trata justamente do problema moral dos médiuns e de sua consequente influência nas comunicações.

Sabemos que a mediunidade em si é uma faculdade orgânica, que depende de uma organização física mais ou menos apropriada para a produção de fenômenos. Seu uso, no entanto, pode ser bom ou mau, conforme as condições morais do seu portador. Kardec afirmou que a mediunidade é coisa sagrada, que deve ser praticada religiosamente. Portanto, a boa prática da mediunidade envolve aspectos muito mais graves do que supõe a maioria dos que dela se servem.

Definindo a mediunidade - Normalmente se diz que a mediunidade é um outro sentido do ser humano e que no homem do Terceiro Milênio, ela será tão natural quanto os sentidos físicos. Isso levou muitos a acreditarem que ao se dedicar ao desenvolvimento das faculdades mediúnicas, estariam no caminho da evolução, do serviço no Bem, quando na verdade poderiam estar mergulhando em graves problemas psicológicos e emocionais, se não forem observados os critérios de segurança.

Examinando certos aspectos de O Livro dos Espíritos, tem-se uma visão um pouco diferenciada da definição habitual que se dá à mediunidade, esta sensibilidade comum a todos os seres animados. Vê-se com clareza, que ela é um mecanismo que impulsiona a experiência evolutiva dos que habitam a matéria, e que pode, em certos casos, ser usada como uma ponte entre os dois planos da Vida, constituindo-se, então, na mediunidade segundo Kardec.

Mediunidade e evolução - Em O Livro dos Espíritos, no item “Progressão dos Espíritos”, encontram-se duas questões que nos dão um panorama diferente sobre a finalidade da mediunidade. Façamos uma apreciação de seus conteúdos.

Questão 122 - Como podem os Espíritos, em sua origem quando ainda não têm a consciência de si mesmos, ter a liberdade de escolher entre o bem e o mal? Há neles um princípio, uma tendência qualquer que os leve mais para um lado que para o outro?

Resposta: *O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire consciência de si mesmo. Não haveria liberdade se a escolha fosse provocada por uma causa estranha à vontade do Espírito. A causa não está nele, mas no exterior, nas influências a que ele cede em virtude de sua espontânea vontade. Esta é a grande figura da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação e outros a resistiram.*

Allan Kardec questionou os Espíritos superiores a respeito da evolução das almas. Perguntou-lhes se no princípio, quando o Espírito ainda não tem consciência de si mesmo, haveria na sua intimidade uma causa qualquer que o levaria para o lado do bem ou do mal. Se os Espíritos superiores respondessem que a causa estava dentro do Espírito, o Codificador certamente colocaria uma outra questão: Por que Deus encaminharia alguns no bem e outros no mal? Se assim procedesse, o Criador estaria tirando do Espírito o seu livre-arbítrio, induzindo uns a boas ações e outros às más. A resposta das entidades foi racional e esclarecedora:

“Não haveria liberdade, se a escolha fosse provocada por uma causa contrária à vontade do Espírito”. E completa: “A causa não está nele, mas no exterior, nas influências a que ele cede em virtude de sua espontânea vontade”.

Pode-se deduzir daí que, mesmo na fase em que o Espírito não tem consciência de si mesmo, quando ainda é vegetal ou animal, sofre uma influência do exterior espiritual. Pergunta-se: por que caminho essa influência chegaria ao “sensorium comune” da entidade encarnada? Só há uma resposta: pela mediunidade generalizada ou mediunidade natural, como é conhecido o canal psíquico que todos possuem e que liga o Espírito encarnado, ao mundo invisível.

É pela mediunidade generalizada ou natural, que o Espírito recebe as influências positivas e negativas a que resiste ou cede, em face de sua vontade e do livre-arbítrio. Associe-se a isso a Lei de Causa e Efeito e tem-se o móvel da evolução. A questão 122-B de O Livro dos Espíritos completa o raciocínio.

Questão 122 - B - Esta influência só se exerce sobre o Espírito na sua origem?

Resposta: *Segue-o na vida de Espírito, até que ele tenha de tal maneira adquirido o domínio de si mesmo, que os maus desistam de obsediá-lo.*

Até quando nos seguem as más influências, indagou o Codificador. Até o período em que a criatura adquirir domínio sobre si mesma, estando de posse da verdade e obtendo a liberdade espiritual, responderam os Espíritos superiores!

Autoconhecimento - O Espiritismo é a revivescência dos ensinamentos e práticas da doutrina de Jesus, o Cristo. E, sendo assim, não poderá ter sentido prático se não estiver orientado pelo compromisso de auto-renovação, comum à vida dos seus reais seguidores. Santo Agostinho nos aconselha, em O Livro dos Espíritos, que o conhecimento de si mesmo é a chave do melhoramento individual. Diz que, aquele que tem a verdadeira vontade de se melhorar, explore sua consciência a fim de arrancar dali as más tendências como arranca as ervas daninhas do seu jardim. Muito antes dele, a expressão "conhece-te a ti mesmo", que estava gravada no pórtico do templo de Apolo, tornou-se a divisa de Sócrates. Fez do conhecimento de si mesmo a condição primordial para compreensão de todos os outros conhecimentos verdadeiros.

Em diversas situações, Jesus demonstra a importância do autoconhecimento como instrumento de reforma íntima das criaturas. Vejamos alguns exemplos:

A trave e o argueiro

“Não julgueis para que não sejais julgados.

Porque com o juízo que julgardes, sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós.

E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho?

Ou como dirás ao teu irmão: deixa-me tirar o argueiro do teu olho; estando a trave no teu?

Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão” - (Jesus, segundo Mateus, Capítulo 7, versículos 1 a 5).

O bom tesouro

“Ou fazei a árvore boa, e o seu fruto bom, ou fazei a árvore má, e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore.

Raça de víboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca.

O homem bom tira boas coisas do seu bom tesouro, e o homem mau do mau tesouro tira coisas más.

Mas eu vos digo que de toda a palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no dia do juízo.

Porque por tuas palavras serás justificado e por tuas palavras serás condenado” - (Jesus, segundo Mateus, Capítulo 12, versículos 33 a 37).

A mulher adúltera

“ E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério;

E, pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando.

E na Lei nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu pois que dizes?

Isto, diziam eles, tentando-o para que tivesse do que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra.

E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se e disse-lhes: Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela.

E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra.

Quando ouviram isto, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até os últimos; ficou só Jesus e a mulher que estava no meio.

E, endireitando-se Jesus e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?

E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno: vai-te, e não peques mais” - (Jesus, segundo João, Capítulo 8, versículos 3 a 11).

Assim, desde que nos colocamos sob a orientação do Espiritismo, cabe a cada um de nós manter em pleno funcionamento um programa de autoconhecimento e renovação de nossos hábitos e tendências, sejamos nós médiuns ou não. No caso da mediunidade, como veremos, a conduta moral sadia é condição fundamental para a obtenção de resultados satisfatórios. Os ensinamentos de Jesus, sendo nosso código de conduta ética e moral, norteará os nossos rumos, nos dando condições de servir neste tão delicado campo do intercâmbio espiritual.

A quem se destina a mensagem mediúnica - É muito comum os médiuns receberem advertências da Espiritualidade sobre aquilo que eles vem fazendo de suas faculdades. Porém, movidos pela cegueira do orgulho, nem sempre eles dão importância às palavras dos Espíritos. O Livro dos Médiuns nos apresenta um alerta quanto a isso e diz que mesmo que a mensagem se destine a outras pessoas, os médiuns têm o dever de verificar se ela não lhe serve também como forma de orientação. Este simples procedimento evitaria muitos transtornos a que estão sujeitos os que militam nesta espinhosa seara. A auto-avaliação constante é precioso instrumento de que se servem aqueles que tratam com a mediunidade de forma desprezenciosa e desinteressada. Quando os Espíritos superiores foram questionados sobre o fato, disseram: *“Aquele que vê claramente e tropeça é mais censurável que o cego que cai na valeta.”*

E ainda sobre o mesmo tema, Allan Kardec instrui em O Evangelho Segundo o Espiritismo: *“Os médiuns que obtêm boas comunicações são ainda mais repreensíveis por persistirem no mal, pois escrevem frequentemente a sua própria condenação e, se não estivessem cegos pelo orgulho, reconheceriam que os Espíritos se dirigem a eles mesmos”*. E mais: *“O primeiro pensamento de todo espírita sincero deve ser o de procurar, nos conselhos dados pelos Espíritos, alguma coisa que lhe diga respeito”*.

Observemos, pois, com humildade, os conselhos dados pelos Espíritos, quando no exercício desta faculdade, o que nos torna mais vigilantes e certamente menos expostos à ação dos maus.

Os bons médiuns e as mensagens ruins - Allan Kardec nos ensina que não basta ser um bom médium para estar livre das más influências. O médium dotado de boas qualidades também pode transmitir respostas falsas. Isto pode ser permitido pelos bons Espíritos a título de aprendizado e para que se mantenham vigilantes, além de testar os medianeiros que com eles trabalham. Além disso, é preciso se levar em consideração que nem sempre se conhece a intimidade das pessoas e uma vez que somos imperfeitos, ainda não nos livramos de certas mazelas que nos associam a irmãos semelhantes. Eis aí a razão da necessidade da análise criteriosa de todas as comunicações, não importando por qual médium ela venha, tampouco qual nome a assine.

Os bons médiuns que se esforçam para bem desenvolver suas atividades, não devem desanimar quando recebem comunicações dessa natureza. Antes, devem agradecer a advertência, tomando o fato como precioso aprendizado e como necessário alerta.

Médiuns perfeitos - Não existem médiuns perfeitos, disseram os Espíritos, pois a perfeição não existe na face deste planeta. Logo, devemos deixar de lado a idéia de que existem médiuns infalíveis. No item 10 da pergunta 226 do Livro dos Médiuns, a resposta é clara e precisa: *“Os Espíritos bons permitem que os melhores médiuns sejam às vezes enganados, para que exercitem o seu julgamento e aprendam a discernir o verdadeiro do falso. Além disso, por melhor que seja o médium, jamais é tão perfeito que não tenha um lado fraco, pelo qual possa ser atacado. As comunicações falsas que recebe de quando em quando são advertências para evitar que se julgue infalível e se torne orgulhoso”*.

Esta resposta dos Espíritos merece muita reflexão, pois temos uma certa tendência ao endeusamento de personalidades, o que pode levar a prejuízos na avaliação das mensagens, uma vez que se confunde o instrumento com os acordes que dele saem.

No desenvolvimento da mediunidade, portanto, procuremos nos conscientizar que cada um deve procurar servir em espírito de humildade, sabendo que a perfeição só existe em Deus. Usemos no máximo a palavra “bom médium”.

Orgulho: o maior escolho da mediunidade - O Espírito, durante sua caminhada evolutiva, passa pelos três reinos: o mineral, o vegetal e o animal. Quando inicia sua caminhada em direção a Deus, as faculdades do Espírito dormitam. Já no reino vegetal o "sensorium comune" se mostra mais complexo, apresentando-se com os primeiros sinais das sensações. No reino animal, desabrocha o instinto, uma espécie de inteligência rudimentar que tem a finalidade de preservar a espécie das agressões da natureza e dos seus predadores.

Quando adentra o reino do homem, o Espírito apresenta manifesta a inteligência. Associada ao instinto, ela torna mais complexa a experiência material da entidade, conforme nos mostra a história do homem primitivo.

O homem tem em si dois patrimônios: o intelectual e o moral. No aspecto moral o "sensorium comune" é constituído de vários sentimentos oriundos do grau evolutivo de cada ser. O orgulho e o egoísmo fazem parte da estrutura psíquica de todas as criaturas que se encontram no nosso grau de evolução. Ambos são sentimentos nascidos do instinto animal, inteligência rudimentar que leva algumas criaturas a terem por elas o excesso de zelo e a valorizarem-se acima das outras.

Na mediunidade, o orgulho e o egoísmo são portas abertas a processos obsessivos graves, que podem colocar a perder preciosas faculdades. Allan Kardec, em seus estudos sobre o assunto, na Revista Espírita, 1859, diz: *“(…) de todas as disposições morais, a que maior entrada oferece aos Espíritos imperfeitos é o orgulho. Este é para os médiuns um escolho tanto mais perigoso quanto menos o reconhecem. É o orgulho que lhes dá a crença cega na superioridade dos Espíritos que a eles se ligam porque se vangloriam de certos nomes que eles lhes impõem. (…)*

Se insistimos longamente sobre este ponto foi porque nos demonstrou a experiência, em muitas ocasiões, que isto constitui uma das grandes pedras de tropeço para a pureza e a sinceridade das comunicações dos médiuns”.

Desta forma vemos com que gravidade o Codificador encarava o assunto, demonstrando a importância do esforço que devemos empreender em extirpar de dentro de nós essa grave chaga do espírito.

Assim, toda instrução dada nas casas espíritas deve ter um caráter essencialmente moralizador que leve seus membros a verem-se como irmãos e a exercer um domínio sobre suas tendências instintivas.

Diz o Livro dos Médiuns que as condições necessárias para que as mensagens dos Espíritos Superiores nos chegue sem alterações são as seguintes: desejar o bem e repelir o egoísmo e o orgulho. Eis o roteiro para bem servir neste ministério.

Abaixo, citaremos algumas importantes passagens de O Livro dos Médiuns, para chamarmos a atenção para alguns procedimentos que julgamos úteis à prática da mediunidade:

O médium, sua moral e o Espírito comunicante

“Se o médium, quanto à execução é apenas um instrumento, no tocante à moral exerce grande influência nas comunicações. Porque o Espírito comunicante se identifica com o Espírito do médium, e para essa identificação é necessário haver simpatia entre eles, e se assim podemos dizer, afinidade. A alma exerce sobre o Espírito comunicante uma espécie de atração ou de repulsão, segundo o grau de semelhança ou dissemelhança entre eles. Ora, os bons tem afinidade com os bons e os maus com os maus, de onde se segue que as qualidades morais do médium têm influência capital sobre a natureza dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio. As qualidades que atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade de coração, o amor ao próximo e o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a sensualidade e todas as paixões pelas quais o homem se apega à matéria” - (Questão 227).

A moral, o médium e a obsessão

“ Todas as imperfeições morais são portas abertas aos Espíritos maus, mas a que eles exploram com mais habilidade é o orgulho, porque é essa que menos a gente se confessa a si mesmo. O orgulho tem posto a perder numerosos médiuns, dotados das mais belas faculdades, que, sem ele, seriam instrumentos excelentes e muito úteis. Tornando-se presa de Espíritos mentirosos, suas faculdades foram primeiramente pervertidas, depois aniquiladas, e diversos se viram humilhados pelas mais amargas decepções” - (Questão 228).

“Necessário lembrar ainda que o orgulho é quase sempre excitado no médium pelos que dele se servem. Se possui faculdades um pouco além do comum, é procurado e elogiado, julgando-se indispensável e logo afetando ares de importância e desdém, quando presta o seu concurso. Já tivemos que lamentar, várias vezes, os elogios feitos a alguns médiuns, com a intenção de encorajá-los” - (Questão 228).

Qualidade dos bons médiuns

“O que mais importa considerar é a natureza dos Espíritos que assistem o médium habitualmente, e para tanto o que mais nos deve interessar não são os nomes, mas a linguagem. Jamais o médium deve esquecer-se de que a simpatia entre os Espíritos bons estará na razão dos esforços feitos para afastar os maus. Convicto de que sua faculdade é um dom que lhe foi concedido para o bem, não se prevalecerá dela de maneira alguma, nem se atribuirá mérito por possuí-la. Recebe como uma graça as boas comunicações, devendo esforçar-se por merecê-las através de sua bondade, de sua benevolência e da sua modéstia” - (Questão 229).

Allan Kardec nos deixou preciosas e seguras instruções em O Livro dos Médiuns. Trata da questão com a clareza que lhe é peculiar e faz sérias advertências em seus escritos, na Revista Espírita, sobre o assunto. No que concerne às avaliações das mensagens, diz o Codificador que nem sempre as boas intenções e a própria moralidade do médium bastam para evitar a intromissão dos Espíritos levianos, mentirosos e pseudo-sábios nas comunicações. É necessário pesar tudo quanto dizem os Espíritos, passando-os pelo crivo da lógica e do bom senso, se não quisermos ser vítimas de Espíritos levianos, diz ele. A seguir, veremos as advertências do espírito Erasto a respeito das avaliações das mensagens mediúnicas.

“Mais vale rejeitar dez verdades, do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa”.

“Deve-se eliminar sem piedade toda palavra ou frase equívocas, conservando no ditado somente o que a lógica aprova ou o que a Doutrina já ensinou”.

“Eis porque é necessário que os dirigentes de grupos sejam dotados de tato apurado e de rara sagacidade, para discernir as comunicações autênticas e ao mesmo tempo não ferir os que se deixam iludir”.

“Se, portanto, um médium, seja qual for, por sua conduta ou seus costumes, por seu orgulho, por sua falta de amor e de caridade, der um motivo legítimo de suspeição, rejeitai as vossas comunicações, porque há uma serpente oculta na relva”.

“Na dúvida abstém-te, diz um dos vossos antigos provérbios. Não admitais, pois, o que não for para vós de evidência inegável. Ao aparecer uma nova opinião, por menos que vos pareça duvidosa, passai-a pelo crivo da razão e da lógica. O que a razão e o bom-senso reprovam, rejeitai corajosamente”- (Erasto, questão 230).

Conclusão - Isto posto, convém estudarmos com cautela redobrada qual tem sido nossa postura diante do mediunato. A situação de heterogeneidade em que se encontram as práticas mediúnicas no país inteiro, nos dá mostra da imensa responsabilidade que temos diante do quadro que aí está. A mediunidade para bem produzir no campo da edificação do Ser carece de médiuns dotados de boas faculdades, mas sobretudo de bons valores morais que possibilitem o acesso dos bons Espíritos e menor possibilidade de ser enganado pelos maus. A primeira condição para se obter a boa vontade dos bons Espíritos é a que decorre da humildade, do devotamento e da abnegação, afirmou Allan Kardec.

Se o lado moral do médium tem grande influência na natureza das comunicações, faz-se mister a busca da melhoria íntima, através do exame cuidadoso de si mesmo, esforçando-se para dominar as más tendências, enfim, trabalhando pelo auto melhoramento de uma forma global. Dessa forma, pode-se dar sentido útil à mediunidade, contribuindo efetivamente e de maneira produtiva para a divulgação de uma Doutrina séria, isenta de fantasias e mitos, e que leva muitos a mudarem os rumos de suas vidas quando em contato com seus ensinamentos.

O papel da Doutrina Espírita é a regeneração da humanidade. Os ensinamentos dos Espíritos superiores só chegarão até nós através de médiuns seguros e conscientes de sua tarefa como intermediários desse processo.

O exercício da mediunidade requer grande dose de desprendimento, humildade e sinceridade de propósitos.

O médium, desprovido desses sentimentos e não valorizando o esforço em melhorar-se, estará distante do verdadeiro objetivo deste dom de Deus, que é servir com alegria aos objetivos do Criador.

*José Queid Tufaile Huaixan
Caixa Postal 1011*